

E lá vão eles, soberbos passageiros

Os brasilienses que já estão usando o metrô mudaram. Estão cheios de soberba. Mas uma soberba palatável, que até poderíamos chamá-la de fleuma, qualidade inerente aos habitantes de megalópoles ou cidades cosmopolitas servidas pelas facilidades da tecnologia.

Não há mais aquela excitação juvenil — independentemente da idade e casta do passageiro — estampada nos rostos, como no início. Nem muitos dedos, quase sincronizados, apontando a paisagem através das amplas janelas dos vagões.

O encanto com o conforto, com a atmosfera asséptica e a arrancada macia e pouco ruidosa dos

trens não evanesceram. As comodidades sempre estarão no juízo dos usuários quando se lembrarem dos trancos sacolejantes, modorrentos, calorentos, poeirentos — e quantos mais "entos"... — dos ainda muito necessários ônibus.

Antes disso, é uma adaptação natural do brasiliense; o costume que substitui o pasmo. Este último, atualmente só demonstrado por algumas crianças, marinheiras de primeira viagem. Ingênuas.

Agora o brasiliense pode contar com a pontualidade britânica das composições, a precisão germânica ou nipônica do sistema central de segurança, os ares transnacionais que o metrô confere às

cidades. E ocorre o orgulho calado.

E esse orgulho poderia mesmo ganhar conotação pedante, caso a maioria deles, os passageiros de Brasília, soubesse que o metrô daqui é o mais moderno do País, que ganhará mais trens nos trilhos e será mais rápido e eficiente. Se atinassem para a preservação ecológica inerente ao sistema. No final das contas, são apenas detalhes que vieram a se somar na terra (projetada) do futuro. E lá se vão os passageiros brasilienses, queixo erguido e pensamento absorto, conduzidos pelo veio da tecnologia e — por que não ? — glamour riscado no Distrito Federal. (R.L.)